

A EXPANSÃO E O REGISTRO DO LÉXICO TERMINOLÓGICO EM LIBRAS: A CONTRIBUIÇÃO DO MANUÁRIO ACADÊMICO DO INES

Brazilian Sign Language terminology expansion and the record of new sign-terms: the contribution of manuário (a research group from the National Institute for the Education of the Deaf – INES)

Janete Mandelblatt¹
Wilma Favorito²

RESUMO

A presença cada vez mais numerosa de estudantes surdos em todos os níveis e modalidades da educação brasileira tem feito crescer, substancialmente, nos últimos anos, a demanda pela criação de sinais-termo para nomear conceitos referentes às diferentes áreas do conhecimento, bem como a demanda por obras lexicográficas para registro e divulgação desses novos itens lexicais. Entre os trabalhos com esse objetivo, localiza-se o *Manuário Acadêmico e Escolar*, resultante da investiga-

ABSTRACT

The increasing presence of deaf students in all levels and modalities of Brazilian education has substantially enhanced, in recent years, the demand for the creation of sign-terms in Brazilian Sign Language (Libras) to name concepts related to the different areas of knowledge and has enhanced also the demand for the production of lexicographical works for the record and dissemination of

¹ Doutora em Ciência Política (Políticas Públicas) e professora do Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

² Doutora em Linguística Aplicada e professora do Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

ção de um grupo de pesquisa do Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), composto de docentes, discentes e intérpretes da instituição, além de colaboradores externos. O produto, definido como um dicionário terminológico bilíngue da área da Pedagogia e das disciplinas do Ensino Básico, em processo de elaboração e aprimoramento, conta atualmente com um acervo de aproximadamente mil sinais, dos quais uma centena já com seus verbetes apresentados num formato moderno, dinâmico e original. Este artigo tem como objetivos situar o *Manuário* no processo de dicionarização da Língua Brasileira de Sinais, expor e discorrer sobre o processo de pesquisa e validação dos sinais divulgados por meio desse instrumento pedagógico de registro linguístico e consulta, e sugerir, em diálogo com outros autores, possíveis contribuições para a Lexicografia Terminológica da Libras.

these new lexical items. One of the productions with this aim is the *Manuário Acadêmico e Escolar*, a product of the investigation of a research group of the Department of Higher Education (DESU) at the National Institute for the Education of the Deaf (INES). The group is composed of professors, teachers, students and interpreters of the institution, as well as external collaborators. The product, continuously updated, enlarged and improved, can be defined as a bilingual terminology dictionary of Pedagogy and Basic Education subject areas, currently containing a collection of approximately a thousand sign-terms, a hundred of which in conjunction with entries presented in a modern, dynamic and original format. The purposes of this article are to situate the *Manuário* in the dictionarization process of the Brazilian Sign Language, to expose and discuss the research and validation processes of the sign-terms disseminated through this pedagogical tool for linguistic recording and research, and to suggest, in dialogue with other authors, possible contributions to terminological lexicography in Libras.

PALAVRAS-CHAVE

Sinal termo; Lexicografia de Libras; Processo de dicionarização.

KEYWORDS

Sign-terms; Brazilian Sign Language lexicography; Dictionarization process.

Introdução

A língua de sinais foi por muito tempo negada ou subutilizada como língua de instrução, dada a representação social hegemônica, responsável por atribuir aos surdos e às suas formas de comunicação significados relacionados

à falta e à deficiência. Uma das consequências disso é que, em nosso país, até pelo menos a década de 1970, um quantitativo muito pequeno de docentes e pesquisadores dedicou-se à Língua de Sinais Brasileira, o que resultou em escassos – ainda que importantes – registros da história e da evolução dessa língua.

A partir de finais dos anos 1980, e mais fortemente nos anos 1990, esse panorama começa a se transformar. Como lembra Fernandes (2014, p. 52),

Podemos indicar os anos 1990 como o marco da insurgência dos movimentos surdos brasileiros. Nessa década, iniciam-se os debates conceituais sobre língua de sinais, bilinguismo, os reflexos dos modelos clínicos-terapêuticos e socioantropológicos na educação de surdos, teorizações sobre a cultura e identidades surdas e os impactos de todos esses estudos na organização de um processo de educação bilíngue para surdos no Brasil.

Esses movimentos sociais, protagonizados por ativistas surdos, seus familiares, profissionais e pesquisadores da área, lutavam pelo reconhecimento da Libras e por outras representações da surdez associadas ao direito à diferença, significando os surdos como minoria linguística e cultural em diálogo com as lutas de outros grupos políticos minoritários. Um dos grandes êxitos dessas lutas foi a conquista do reconhecimento oficial da Libras em 2002³ e a criação e fortalecimento de um novo campo discursivo e acadêmico denominado Educação Bilíngue para Surdos, o qual, ainda que sob diferentes perspectivas, preconiza o direito à língua de sinais como primeira língua e língua de instrução, além de incluir outras práticas pedagógicas que respeitem as especificidades linguísticas e culturais dos surdos.

Um outro efeito dessas conquistas, nas últimas décadas, foi a gradativa ampliação do universo de alunos surdos, não apenas na Educação Básica, mas também em cursos de graduação e de pós-graduação, sobretudo nas áreas de Letras e de Educação. Essa tendência, além de exigir a presença de docentes bilíngues e de tradutores-intérpretes nas instituições de ensino, amplia a demanda e favorece a expansão de sinais-termo⁴ para nomear conceitos referentes às diferentes áreas do conhecimento com as quais esses alunos passam a se deparar, bem como por obras lexicográficas para registro e divulgação desses novos itens lexicais.

No âmbito do léxico geral, duas grandes publicações, com características distintas, vêm atender a essa realidade no Brasil.

³ Através da Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002.

⁴ A expressão sinal-termo surgiu em 2012, criada por Enilde Faulstich, para denotar itens lexicais da Libras que nomeiam ou designam conceitos usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. Para mais explicações a respeito, consultar <http://www.centrolexterm.com.br/notas-lexicais>.

No formato impresso, destaca-se o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue* (Libras, Português e Inglês), de 2001, coordenado por Capovilla e Raphael, e ampliado e republicado em 2009 com a colaboração de Maurício.

No formato digital, e com possibilidade de pesquisa tanto por ordem alfabética, em português, quanto pela configuração de mãos, em Libras, distingue-se o *Dicionário Bilingue Português/Libras e Libras/Português*, coordenado por Rocha, com edições em 2003 e 2005, produzidas e distribuídas pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que pode ser acessado no site do Instituto (www.ines.gov.br).

Na esfera do léxico especializado, uma crescente produção de glossários Português-Libras, registrando a criação espontânea ou provocada de sinais nas mais diversas áreas, vem se fazendo presente, nos últimos anos, por todo o país. Da mesma forma, propostas e projetos de criação de dicionários bilíngues se fazem notar, fazendo parte de tais trabalhos, mesmo que ainda em fase de construção, experimentação e complementação, já disponibilizados ao público por meio da Internet.

Entre os produtos abertos a consultas, localiza-se o *Manuário Acadêmico e Escolar*, resultante do trabalho de um grupo de pesquisa em ação desde 2012 no Departamento de Ensino Superior (DESU) do INES e com um acervo, atualmente, de aproximadamente mil sinais referentes à área da Pedagogia e disciplinas afins, dos quais perto de uma centena já com seus verbetes apresentados num formato dinâmico e original.

Este artigo tem como objetivos situar o Manuário no processo de dicionarização da Língua Brasileira de Sinais, expor e discorrer sobre o processo de pesquisa e validação dos sinais divulgados por meio desse instrumento de registro linguístico e de consulta, e sugerir, em diálogo com outros autores, possíveis contribuições desse dicionário em construção para a Lexicografia Terminológica da Libras.

1. A inserção da Libras nas ciências do léxico

Nessa seção, apresentamos um breve panorama das ciências do léxico e o percurso de produções lexicográficas bilíngues no Brasil, destacando obras que visam a registrar e divulgar o repertório terminológico em Libras.

1.1 – *As ciências do léxico*

Três disciplinas, ou áreas de estudo, formam as chamadas Ciências do Léxico: a **Lexicologia**, a **Terminologia** e a **Lexicografia**. A primeira se ocupa do léxico das línguas de um modo geral; a segunda faz um recorte e concentra seu interesse nos itens lexicais especializados ou temáticos, isto é, nos termos técnico-científicos das diversas áreas do conhecimento; e a terceira se volta para a construção de instrumentos de registro do léxico, como glossários e dicionários, o que inclui a análise dos já existentes, o estudo de metodologias e princípios teóricos para a sua elaboração e estruturação e o debate dos principais problemas teórico-práticos subjacentes à sua produção. Pode-se ainda, falar em **Terminografia**, **Lexicografia Terminológica** ou **Lexicografia Especializada** quando o foco de interesse é o processo de elaboração de produtos lexicográficos referentes a uma área específica do saber (KRIEGER, 2011; BEVILACQUA & FINATTO, 2006).

Terminologia é um termo que pode ser compreendido e aplicado de duas maneiras. De maneira geral, escrito com “T” maiúsculo, refere-se ao campo de estudos teóricos e aplicados, como dito acima, que toma como objeto os termos científicos e técnicos das línguas com distintos focos de interesses e de perspectivas; já grafado com “t” minúsculo, refere-se ao conjunto de termos que expressam o conhecimento especializado nas diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo, nas terminologias da Linguística, da Ciência Política ou da Medicina (KRIEGER, 2006).

Apesar dessa distinção metodológica, Krieger enfatiza que nem sempre há uma separação rígida entre itens correspondentes à linguagem geral e aqueles que só circulam em domínios discursivos exclusivos, citando, como exemplo a palavra ‘balanço’, que nos usos comuns significa brinquedo, mas no âmbito da Contabilidade denomina a ação de verificar contas comerciais. Nesse sentido, “a fronteira diferenciadora entre léxico especializado e léxico comum define-se basicamente pelo plano semântico da unidade lexical e não por sua parte formal designativa” (KRIEGER, 2011, p. 444).

Os termos técnico-científicos, portanto, fazem parte do acervo lexical de uma língua e estão submetidos aos mesmos padrões estruturais que orientam a formação de novos itens. Ou seja, termos técnico-científicos não constituem uma língua à parte, restrita a um único universo comunicacional. Ademais, “os

termos cruzam muitas fronteiras” uma vez que a produção científica e tecnológica é cada vez mais divulgada nos meios de comunicação de massa, na Internet e nas redes sociais. Assim, só se poderia considerar a existência de exclusividade denominativa no caso de termos de alguns campos das ciências, como a Biologia e a Zoologia, que tradicionalmente cunham termos em latim e em grego em busca de uma linguagem especializada universal; ou no caso da Medicina, que utiliza elementos formativos gregos e latinos, criando termos como ‘litíase’ ou ‘cardiopatia’, que, de um modo geral, não circulam nas interações comunicativas do dia-a-dia (KRIEGER, 2011).

A Terminologia nasce como campo de investigação em torno dos anos 1960, na Áustria, por meio do professor Eugen Wüster, que instituiu a denominada Teoria Geral da Terminologia, de caráter normativo, visando a controlar e uniformizar os usos terminológicos no plano mundial. A partir dos anos 1990 esses postulados sofrem uma revisão crítica, sobretudo com os estudos de Cabré (1999, apud SANTOS, 2018) que com seu grupo de colaboradores instituiu uma nova perspectiva, nomeada como Teoria Comunicativa da Terminologia, com o intuito de descrever – e não, normatizar – os termos das linguagens especializadas em toda sua complexidade sociolinguística, contemplando os contextos de uso e a variação linguística.

Assim, atualmente entende-se o estudo dos componentes lexicais especializados em sua dimensão linguística e pragmática, analisando-se, além das características gramaticais e de seus constituintes, as esferas discursivas em que foram criados e nas quais são utilizados, podendo-se:

- 1) identificar a ocorrência de variantes nos mesmos contextos de uso, como ‘aglomerado de galáxias’ e ‘grupo de galáxias’ e muitos outros exemplos em Astronomia, conforme detalhadamente exposto e discutido por Jesus (2009).
- 2) apontar diferentes contextos em que o mesmo termo pode ser utilizado com sentidos distintos, como ‘indivíduo’, que na Biologia designa ‘organismo único, distinguível dos demais do grupo’ e, na Sociologia, ‘o ser humano considerado isoladamente na comunidade de que faz parte, ou ainda, ‘o cidadão’.

1.2 – *A lexicografia bilíngue no Brasil e a Libras*

A lexicografia bilíngue se constitui como um campo em expansão no Brasil e a criação de dicionários terminológicos vem crescendo consideravelmente nas últimas décadas, conforme apontado por Humblé (2011). À época de sua pesquisa, contabilizavam-se no mercado editorial brasileiro 60 dicionários de inglês, 13 de francês, 8 de alemão, 8 de italiano e alguns de japonês.

Segundo o mesmo autor, esses números impressionam pela variedade de tipos e formatos de dicionários, porém não pela diversidade de línguas envolvidas, já que a produção se concentra nos idiomas majoritários ocidentais com maior presença migratória em solo brasileiro. Assim, a despeito do panorama animador no que se refere à lexicografia das línguas mencionadas, e apesar do crescimento exponencial nos últimos anos do repertório lexical da Libras, esta língua ainda não se insere do mesmo modo que as demais no mercado examinado (ALBRES & NEVES, 2012).

De acordo com as fontes históricas disponíveis, a primeira obra lexicográfica de língua de sinais usada no Brasil foi elaborada no INES, em 1875, pelo aluno e professor repetidor Flausino José da Gama⁵. Desde então, até o início dos anos 2000, os escassos registros da Língua de Sinais Brasileira se caracterizavam, em geral, como listas ou glossários temáticos referentes a partes da vida cotidiana das pessoas surdas no nosso país, notando-se forte influência religiosa na seleção dos itens lexicais⁶.

Além de restritos no seu conteúdo, o formato dos trabalhos existentes, contendo ilustrações e/ou longas explicações a respeito da realização do sinal, em muitos casos não contemplava adequadamente o entendimento de quem buscava aprender ou compreender os sinais, já que o registro do léxico de uma língua visual só pode ser plenamente realizado em movimento, isto é, em vídeo (SOFIATO & REILY, 2004), recurso que se tornou disponível apenas nos anos mais recentes⁷.

⁵ Seguindo o modelo de ensino adotado pelo Instituto de Surdos de Paris, no INES os alunos que se destacavam academicamente eram requisitados para cumprir funções tais como assistir aulas e repetir lições aos estudantes sob sua responsabilidade, acompanhar alunos no recreio, corrigir exercícios etc. (ROCHA, 2007).

⁶ Uma visão analítica sobre a história da dicionarização da Libras pode ser encontrada em Favorito e Mandelblatt, 2016.

⁷ Menção especial seja feita à obra dos americanos Oates, Hoemann e Hoemann, que complementaram seu inventário de sinais (Linguagem de Sinais do Brasil, 1983) com registros em *videotape* de diálogos-modelo sinalizados, simulando situações do dia-a-dia dos surdos brasileiros na década de 1980.

Como afirma Carvalho (2016, p.31),

As tecnologias de informação e comunicação têm vindo a desenvolver-se a um ritmo alucinante, e as possibilidades que têm vindo a ser oferecidas, através do meio online à área da lexicografia, em geral, são enormes e ao nível da lexicografia das línguas gestuais, essas possibilidades duplicam, já que são línguas que decorrem numa modalidade visuo-espacial e o seu registo em vídeo fez com que se ultrapassassem muitas das discussões lexicográficas das línguas gestuais, que se mantiveram durante os séculos XVIII, XIX, XX e XXI.

A partir da virada do milênio, expande-se a presença dos surdos na Educação Básica e Superior, apoiados no direito conquistado de ter a Libras como língua de instrução nas salas de aula por eles frequentadas. Essa realidade passa a exigir a implementação de projetos e programas de ensino e divulgação da Libras, produção e distribuição de material didático adequado, além de formação e capacitação de profissionais para trabalhar com esses alunos, cenário que propicia, além de grande expansão lexical, o início de uma fase de intenso movimento de dicionarização da Língua Brasileira de Sinais.

Distinguem-se, nessa altura, como mencionado anteriormente, duas importantes publicações, que compilam sinais referentes ao uso geral da Libras.

A primeira é o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue* (Libras, português e inglês), de 2001, coordenado por Fernando Capovilla e Walkyria Raphael e, reeditado em 2009 como *Novo DEIT Libras*, contando com a participação de Aline Maurício. Em suas quase duas mil páginas, divididas em dois volumes, a obra reúne mais de 9.500 sinais, ilustrações e descrições sobre como realizá-los, exemplos de uso linguístico e explicações de ordem etimológica, entre muitas outras informações, localizando-se num patamar equivalente ao da lexicografia das línguas orais.

A segunda publicação foi a primeira obra brasileira que incorporou, por meio de filmagens, os movimentos dos sinais, sem precisar, portanto, descrevê-los. Trata-se do *Dicionário Digital Bilingue Português/Libras e Libras/Português* que, sob a coordenação geral da professora Solange Maria da Rocha, foi desenvolvido por uma equipe de lexicólogos e 13 profissionais surdos coordenada por Tanya Amara Felipe. O dicionário foi produzido e distribuído em todo o Brasil, em CDs, pelo INES, em 2003 e, em segunda edição, pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, FENEIS, em 2005. Cada verbete

contém um filme do item lexical em Libras, classe gramatical, acepção, origem (regional ou nacional) e exemplificação nas duas línguas⁸.

A grande inovação desse trabalho, que contabiliza mais de 8.000 palavras/sinais de uso geral, é o acesso aos verbetes por meio de duas possibilidades: a busca em português, por ordem alfabética, e a pesquisa em Libras, por meio das configurações de mãos, recurso até os dias de hoje pouco explorado no nosso país.

No campo terminológico, as produções lexicográficas iniciais, ocorridas em muitos estados brasileiros a partir da primeira década dos anos 2000, também se caracterizaram como listas temáticas de vocabulário, agora relacionadas ao universo conceitual inerente aos contextos de ensino em diversas áreas. Conduzidos por iniciativas institucionais ou individuais, esses trabalhos geraram artigos e participações em eventos acadêmicos, mas se limitaram, na sua maioria, à divulgação interna e à funcionalidade de proporcionar condições de diálogo formal e construção do conhecimento no ambiente acadêmico no qual um determinado grupo surdo estava inscrito, não chegando a ser disponibilizados ao público em geral⁹.

Exceção a esse quadro foi o Glossário Letras-Libras, de 2006. Organizado por Marianne Stumpf, desenvolvido por uma equipe de tradutores/pesquisadores da UFSC e lançado como apoio online ao curso que o nomeia¹⁰, o glossário, hoje sob a supervisão de Stumpf e a coordenação de Janine Oliveira, foi ampliado em recursos, conteúdo e área de abrangência a partir de 2010, oportunizando, atualmente, entradas por Libras e Língua Portuguesa, verbetes nas duas línguas, exemplos, variantes regionais e representação em *signwriting*¹¹.

Na década atual, atividades de pesquisa frutificaram sob a forma de dissertações de mestrado e de teses de doutorado nas áreas de Terminologia em Libras, com análises do léxico existente, apresentando projetos e/ou propondo produtos dicionarísticos na Língua Brasileira de Sinais. Destacamos os trabalhos de Sandra Patrícia de Faria-Nascimento (tese de doutorado em

⁸ Esse dicionário, com os respectivos vídeos, exemplos e informações sobre a classe gramatical, encontra-se disponível, online, no site do Instituto (www.ines.gov.br).

⁹ Mais informações sobre as primeiras obras lexicográficas referentes à Libras podem ser encontradas em Favorito et al, 2012.

¹⁰ Criado em 2006 para funcionar na modalidade semipresencial, em rede nacional, centralizado na UFSC, o curso tem a finalidade de promover a formação inicial de professores de Libras (licenciatura), majoritariamente surdos, e de tradutores intérpretes de Libras/ Língua portuguesa (bacharelado).

¹¹ O *Signwriting*, ou escrita de sinais, é um sistema de registro gráfico das línguas gestuais.

Linguística, Universidade de Brasília, 2009, sobre expansão lexical em Libras); Vera Lúcia Souza Lima (tese de doutorado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014, sobre terminologia em Libras para a área de desenho arquitetônico); Janine Soares de Oliveira, (tese de doutorado em Estudos da Tradução, UFSC, 2015, analisando a estrutura das unidades terminológicas do Glossário de Letras-Libras); Brenno Barros Douettes (dissertação de mestrado, UFSC, 2015, apresentando proposta para organização de glossário semibilíngue com sinais-termos religiosos e afins); Hadassa Rodrigues Santos (dissertação de mestrado, PUC-MG, 2016, sobre processos de expansão lexical da Libras).

Graças aos avanços tecnológicos, que permitem inúmeras possibilidades de produção e compartilhamento de vídeos pela Internet, verifica-se hoje em dia a existência de inúmeros glossários temáticos em Libras (também denominados, em alguns casos, como ‘*sinálarios*’) divulgados, principalmente, na plataforma *Youtube*. Colocando-se no buscador dessa plataforma o termo ‘Libras’ acrescido do campo temático que se deseja pesquisar, é possível ter acesso a esses glossários terminológicos em diferentes áreas como Biologia, História, Matemática, Física, Química, dentre outras. Pelo que se pode observar, essas produções se originam de iniciativas individuais, de grupos, ou de instituições, apresentando formatos visuais variados e contendo ou não definições dos sinais-termo.

Também no ambiente virtual, como informa Tuxi (2015), há materiais com o objetivo de divulgar bancos de sinais terminológicos para o auxílio do trabalho de tradutores-intérpretes de Libras. Segundo a autora, esses materiais, em grande parte construídos em forma de *blogs*, apresentam glossários ou listas bilíngues de vocábulos ou de especificidades terminológicas muito úteis para atuação desses profissionais.

Votando-se às conquistas da comunidade surda no início do século XXI, destaca-se, no cenário nacional da educação de surdos, desde 2006, o Curso Bilíngue de Pedagogia (CBP) do INES.¹² Na tentativa de dar conta das

¹² Instituído em 2005 e inaugurado em 2006, na modalidade presencial, com 50% de reserva de matrículas para estudantes surdos, esse curso é responsável pela formação de professores para atuar na educação bilíngue de surdos. Em 2018, o INES lançou o mesmo curso na modalidade semipresencial (EAD), centralizando 11 polos distribuídos pelas cinco regiões do país, de acordo com determinação e meta do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite (Decreto nº 7.612).

terminologias especializadas das áreas de Pedagogia e Educação, com seu universo multidisciplinar (Filosofia, Antropologia, Sociologia, Didática, Psicologia etc, além das disciplinas escolares com as quais os futuros professores terão que vir a lidar), um projeto de pesquisa de docentes dessa graduação levou à realização de um produto lexicográfico terminológico bilíngue, atualmente evoluindo do formato de glossário para o de dicionário e gerando verbetes em formato inovador. Referimo-nos ao *Manuário Acadêmico e Escolar*, sobre o qual discorreremos nas seções a seguir.

2. O projeto, a pesquisa e o produto Manuário

No ano de 2012, um Projeto de Pesquisa foi criado pelas duas professoras e pesquisadoras do Departamento de Ensino Superior do INES que assinam este artigo, com o objetivo de produzir, inicialmente, um glossário terminológico multidisciplinar Português-Libras, em formato digital, envolvendo as áreas das disciplinas do Curso de Pedagogia do INES. Esse glossário, no projeto e no entender de suas idealizadoras, viria, posteriormente, a se ampliar e se reconfigurar como um dicionário bilíngue, bidirecional, com entradas tanto em Língua Portuguesa quanto em Libras.

A motivação para a criação do glossário, batizado de *Manuário Acadêmico* pelo professor surdo Valdo Nóbrega, surgiu a partir do grande desafio enfrentado por docentes, estudantes surdos e intérpretes do CBP, envolvidos na experiência efetiva de bilinguismo que o curso, desde seu início em 2006, se propôs a desenvolver: lidar com a linguagem acadêmica nos dois idiomas, de modo que tanto a Libras quanto a Língua Portuguesa pudessem vir a se configurar, efetivamente, como línguas de instrução, oferecendo igualdade de condições de acesso ao conhecimento aos discentes surdos e ouvintes.

O *Manuário Acadêmico*, portanto, tal como outras produções lexicográficas em Libras, foi concebido em função da necessidade de se organizar e divulgar o repertório de sinais que emergem e circulam em contextos de ensino com alunos surdos. Nesse cenário, constatou-se que a falta, desconhecimento ou conflito na utilização de sinais propiciava a utilização excessiva do recurso demorado, e por vezes pouco produtivo, da datilologia, assim se mantendo as tradicionais barreiras linguísticas e acarretando, ao aluno sur-

do, restrições ao entendimento das aulas, obstáculos à leitura e compreensão de textos em português e dificuldades na produção de trabalhos acadêmicos em Libras.

O projeto gerou um grupo de pesquisa, autodenominado de *Grupo Manuário*, composto por docentes (surdos e ouvintes) do Ensino Superior, do Ensino Básico e do Curso de Libras (todos do INES), intérpretes, alunos de iniciação científica, alunos e ex-alunos da Graduação e da Pós-Graduação (novamente, todos do INES), assim como de alguns eventuais colaboradores externos.

À medida que o grupo foi avançando nas suas pesquisas, construindo um *site* e divulgando seus resultados entre o público-alvo (docentes, discentes e tradutores-intérpretes de Libras), percebeu-se a necessidade de expandir a investigação para as disciplinas escolares com as quais os formandos do Curso iriam ter que lidar. Desta forma, ampliou-se o universo da pesquisa, envolvendo-se o Colégio de Aplicação do INES (CAP-INES) e iniciando-se, também, o registro e a divulgação de sinais-termo no âmbito das disciplinas escolares. Com isso, o nome do produto lexicográfico passou a ser *Manuário Acadêmico e Escolar*, mais conhecido e geralmente referenciado pelos seus usuários apenas como *Manuário*.

O acervo atual do *Manuário* é de cerca de 1.000 sinais-termo, cuidadosa e criteriosamente validados pela comunidade acadêmica surda do INES, referentes a conceitos nas áreas de Estudos da Linguagem, Construção de Texto (produção escrita e produção visual), Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Psicologia, Tecnologia da Informação, Didática, além de disciplinas escolares da Educação Básica (Matemática, Biologia, Química, História, Geografia e Educação Física). Conta, também, com perto de uma centena de sinais para designar autores de destaque na área da Educação, todos acompanhados de seus verbetes, concebidos como minibiografias apresentadas em formato de programas televisivos.

A seguir, abordaremos os objetivos e a metodologia de trabalho do *Grupo Manuário*, assim como a macro e a microestrutura do *Manuário Acadêmico e Escolar*.

2.1 – *Objetivos do Grupo Manuário*

Objetivo geral: construção de um dicionário terminológico acadêmico multidisciplinar, digital e disponível online, referente aos diferentes campos curriculares que compõem o curso de Pedagogia do DESU/INES e o Colégio de Aplicação do INES (CAP-INES), com entradas e verbetes nas duas línguas: Português e Libras.

Objetivos específicos:

- Contribuir no processo de legitimação da Libras como língua de instrução;
- Legitimar sinais-termo da Libras relacionados ao mundo escolar e acadêmico;
- Investigar, avaliar e registrar itens lexicais terminológicos em Libras já existentes para as disciplinas do CBP e da Educação Básica no CAPINES;
- Estimular a criação de novos sinais-termo em Libras nos diferentes campos do conhecimento referentes às disciplinas do CBP e do CAPINES;
- Validar os sinais pesquisados com equipes de professores surdos do INES com formação em Letras-Libras ou em Pedagogia Bilíngue;
- Analisar as estratégias de validação;
- Analisar a constituição estrutural dos sinais (categorias léxico-gramaticais);
- Divulgar os sinais por todo o país através do site www.manuario.com.br, constantemente atualizado, das redes sociais¹³ e da TV INES¹⁴;
- Contribuir para a criação de um banco de dados e de uma plataforma para elaboração colaborativa de dicionários terminológicos a partir dos parâmetros da Lexicografia.

¹³ Os sinais validados encontram-se também na página do Facebook Manuário DESU.

¹⁴ Trata-se da primeira e única webTV em Língua Brasileira de Sinais, com legendas e locução em português, formando uma grade de programação cem por cento bilíngue e, portanto, totalmente acessível a surdos e ouvintes em todos os seus produtos. Um desses produtos é o Programa Manuário, que, a cada episódio, apresenta o sinal validado pelo Grupo Manuário e um pouco da vida e da obra de um pensador ou personalidade marcante relacionada à Educação. O acesso aos programas pode ser feito em: http://tvines.com.br/?page_id=333.

2.2 – Metodologia de pesquisa e registro de sinais

A metodologia adotada atualmente pelo grupo toma por base, em parte, processos utilizados na confecção de diversos outros glossários de Libras para sinais-termo (cf. Favorito et al, 2012), e, em parte, adota procedimentos criados pelo grupo em função de demandas que emergiram ao longo das práticas de coleta, registro e validação de sinais no INES. São esses os processos:

- Levantamento, junto aos professores, distintos por área acadêmica, de nomes de autores e de conceitos fundamentais abordados e discutidos durante as aulas;
- Consulta a alunos e professores surdos sobre a existência de sinais para esses nomes e conceitos;
- Filmagem e catalogação dos sinais existentes em arquivos provisórios;
- Realização de Sessões de Validação presenciais, sob a liderança de um docente surdo do INES e com a participação de mais de 20 professores surdos da instituição, com o objetivo de se legitimar os sinais coletados. Todos os professores são formados pelo Letras-Libras, sendo vários deles especialistas, mestrandos ou mestres em áreas ligadas à Educação.
- Nessas sessões, os sinais para nomear autores e os sinais candidatos a termos são apresentados por professores das áreas específicas a que os termos pertencem e discutidos por todos a fim de se verificar seu grau de aceitabilidade e a possibilidade de existência de outros sinais para o mesmo referente. Observação importante: apenas os surdos participam da votação dos sinais;
- Apuração da votação e revisão da catalogação. Em caso de dúvida, sinais em questão são remanejados para revalidação em uma próxima sessão;
- Filmagem definitiva no estúdio de gravação e edição do INES, com uma apresentadora surda, professora de Libras do INES;
- Registro dos sinais consolidados no site do *Manuário* e nas redes sociais;
- Elaboração dos verbetes para os autores, em parceria com a equipe da TV INES e com a participação de professores, tanto do CBP quanto da área envolvida.

Para os sinais científicos da área de Química utiliza-se uma metodologia diferenciada. Como os sinais dessa área são muito raros, eles são criados e validados em um Grupo de Trabalho formado pela parceria entre professores

de Química (ouvintes) e de Libras (surdos) do INES, juntamente com alunos surdos do curso de Letras-Libras da UFRJ e do Ensino Médio do INES. O GT se reúne semanalmente em encontros com aproximadamente duas horas de duração, durante as quais se utilizam os seguintes procedimentos:

- Conceitos da área de Química são apresentados pelos professores, associados a imagens que ajudem a entender sua aplicabilidade no dia a dia;
- Uma discussão é conduzida pelos professores até que os conceitos pareçam ter sido compreendidos;
- Sinais-termo são propostos e debatidos pelos surdos, que discutem sua adequação aos conceitos e aos parâmetros da Libras;
- Já usando os novos sinais-termo, eles elaboram, sob a supervisão dos professores de Química, o conceito científico em Libras, para que seja verificado o real entendimento do que foi apresentado;
- Posteriormente esses sinais são utilizados nas aulas do Ensino Médio para que sejam avaliados sua aceitação e seu uso pela comunidade surda do INES;
- Uma vez considerados aceitos, os sinais-termo são trazidos para o Manuário e devidamente registrados no *site*.

2.3 – Macroestrutura e microestrutura do produto

De um modo geral, a arquitetura de um dicionário, segundo as diversas referências consultadas, compreende dois eixos organizadores: a macroestrutura e a microestrutura.

Segundo Barros (2004, p. 151),

Por macroestrutura entende-se a organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica. Esse tipo de organização está relacionado às características gerais do repertório, ou seja, à estruturação das informações em verbetes (que podem se suceder vertical e/ou horizontalmente), à presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceptual e outros.

Já a microestrutura relaciona-se à organização interna dos verbetes, ou seja, ao conjunto de informações que compõem cada registro. Esses, em geral,

devem conter o termo/entrada, a categoria gramatical, a definição, os contextos de uso, as remissivas, entre outros itens importantes ao consulente.

Tanto a macroestrutura quanto a microestrutura devem ser orientadas pelos objetivos do trabalho e pelas necessidades dos usuários, tendo-se em mente o uso a que a obra terminográfica se destina (KRIEGER & FINATTO, p. 130, 2004).

O *Manuário Acadêmico e Escolar* é destinado sobretudo aos estudantes surdos da Educação Básica (2º segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio) e do Ensino Superior, tendo também como público potencial os profissionais que trabalham com esses alunos (professores e tradutores-intérpretes de Libras). Levando em consideração esses possíveis usuários do produto e a modalidade visuoespacial da Libras, optou-se por uma estrutura, ainda em fase de elaboração, que privilegie tanto as necessidades de conhecimento de termos técnicos em Libras quanto a configuração visual do conteúdo. Sendo assim, o *Manuário* vem sendo arquitetado e organizado no formato de um *site*, o que afeta sua macroestrutura, distinguindo-a em alguns aspectos daquela que se aplica às obras impressas.

O dicionário em construção é constituído de nove seções em seu menu de navegação, a saber:

- **Palavra ao Visitante**, com um texto de apresentação do trabalho em ambas as línguas (Libras e Língua Portuguesa);
- **Sobre o Manuário**, contendo informações a respeito dos componentes do *Grupo Manuário*;
- **Índice Geral**, constituído de dois motores de busca de sinais: uma tabela com as letras do alfabeto, que permite acessar um sinal-termo pela letra inicial da palavra em português; e uma lista de todas as palavras cujos sinais-termo se encontram registrados, dispostas verticalmente em ordem alfabética;
- **Índice Onomástico**, com duas colunas paralelas, ambas contendo, verticalmente e em ordem alfabética, os nomes dos autores trabalhados no CBP. Uma coluna permite acesso aos sinais desses autores e a outra leva o usuário aos verbetes bilíngues (minibiografias) dos autores;

- **Programas Manuário**, que leva o consulente diretamente às minibiografias referidas acima;
- **Dicionário Temático**, subdividido em abas, cada uma referente a uma área do conhecimento, e onde os termos estão dispostos verticalmente em ordem alfabética ou em tabelas visualmente favoráveis a um acesso mais rápido ao sinal-termo;
- **Divulgação na Mídia**, que trata da divulgação externa do trabalho do Grupo Manuário;
 - **Produtos do Manuário**, que divulga as produções acadêmicas (artigos e participação em eventos) do grupo de pesquisa;
 - **Memória do Manuário**, que mostra a história de participação dos componentes e colaboradores do Grupo nesse projeto.

No momento, estamos elaborando outra alternativa de motor de busca que permitirá consultas também pelas configurações de mão, as quais correspondem a um dos parâmetros constitutivos dos itens lexicais das línguas de sinais e representam a forma que a mão assume durante a realização de um sinal¹⁵.

Em relação aos verbetes, como já dito, iniciou-se o trabalho pelos autores selecionados, criando-se um produto televisivo, o *Programa Manuário*, realizado por meio de parceria com uma produtora de conteúdo audiovisual educativo supervisionada pelo Ministério de Educação e Cultura¹⁶ e veiculado pela TV INES. Já foram produzidos 71 episódios deste programa, cada um mostrando, por meio de um apresentador surdo, um pouco da vida e da obra de um pensador relacionado à Educação e o seu respectivo sinal validado pelo *Grupo Manuário*¹⁷. Tais minibiografias/verbetes, além do uso efetivo das duas línguas (apresentação em Libras, legendas e locução em *off* em português), se valem de fotos, recortes de filmes, animações e outros recursos da linguagem televisiva.

Atualmente, para o *Manuário*, está em fase inicial de discussão a elaboração de verbetes relativos aos conceitos teóricos. Pretende-se que sejam bilín-

¹⁵ As línguas de sinais possuem componentes básicos (parâmetros) que constituem a estrutura dos sinais: Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Orientação ou Direcionalidade, Movimento e Expressão Facial e Corporal.

¹⁶ Trata-se da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto – ACERP.

¹⁷ Cf nota de rodapé nº13, o acesso aos programas pode ser feito em: http://tvines.com.br/?page_id=333.

gues (Libras-português), contemplando os seguintes aspectos: entradas nas duas línguas; possíveis variantes; definições em português e em Libras; sinônimos; exemplos baseados em contextos de uso; informações gramaticais; remissivas e imagens (fotos, gravuras, hiperlinks) a fim de não só ilustrar as definições, mas, sobretudo, atender à demanda visual do usuário surdo. Tenciona-se utilizar, tal como propõe Faulstich (1995), o recurso às “fichas terminológicas”, a fim de registrar de modo completo e organizado as informações referentes a cada termo.

3. Considerações finais

No Brasil, a partir da promulgação da lei 10.436 (24/04/2002)¹⁸, que reconhece a Libras como língua da comunidade surda brasileira em todo o território nacional, e do Decreto 5.626 (22/12/2005)¹⁹, que regulamenta essa lei, inaugura-se uma crescente produção dicionarística que vai sedimentando o percurso lexicográfico da Língua Brasileira de Sinais.

Como ocorreu com a maioria das línguas do mundo, a Libras vem se fortalecendo cada vez mais, por meio de um intenso processo de gramatização. Este, como define Auroux (1992, p. 65), é um “processo que conduz a *descobrir* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”.

A criação de novos sinais em Libras revela a identidade sociolinguística e cultural de uma comunidade pertencente ao universo multilíngue brasileiro, a comunidade surda, confirmando todo o potencial dessa língua em largo e potente movimento de expansão. A profícua produção lexicográfica em Libras na última década espelha o vigor desse movimento.

Como esclarece Tuxi (2015, p. 560), “os termos técnicos existentes na Língua Portuguesa ainda estão em processo de neologismo na língua de sinais”, demandando da comunidade surda e dos pesquisadores surdos e ouvintes no campo da Terminologia um longo e rico caminho pela frente.

¹⁸ Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 18 abr. 2018.

¹⁹ Decreto-lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dez. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 18 abr. 2018.

O trabalho do *Grupo Manuário*, cujos resultados vêm sendo constantemente divulgados interna e externamente em eventos acadêmicos e por meio de seus produtos²⁰, vem permitindo tanto constatar o avanço já alcançado no desenvolvimento lexical da Libras quanto contribuir com os processos de legitimação dessa língua no âmbito dos domínios discursivos da linguagem de especialidade.

O desafio de se construir um dicionário terminológico bilíngue de caráter pedagógico está em saber proporcionar as informações mais relevantes e úteis a usuários que estão aprendendo uma língua. Espera-se que o *Manuário Acadêmico* possa contribuir para a educação bilíngue de surdos no Brasil e, mais especificamente, para a Lexicografia Terminológica da Libras.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N.; NEVES, S. L. G. A. Construção de glossário Libras-Português como instrumento didático-pedagógico para formação de professor bilíngue. In: *Revista Virtual de cultura Surda e Diversidade*. 10. ed., 2012.

AUROUX, S. A. *Revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. In: *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, n. 50 (2), p. 43-54, 2006.

CARVALHO, P. V. A. emergência do léxico de especialidade na Língua Gestual Portuguesa: proposta de construção de um dicionário terminológico bilíngue-bidirecional online. In: *Ideação - Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da UNIOESTE*, Foz do Iguaçu, v. 18, n.1, p. 12-42, 2016.

FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. In: *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995.

_____. E. *Nota lexical sinal-termo*. Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm; Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP; Instituto de Letras – IL; Universidade de Brasília – UnB. Disponível em: <<http://www.centrolexterm.com.br/notas-lexicais>>.

FAVORITO, W.; MANDELBLATT, J. Aspectos da trajetória da dicionarização da Língua Brasileira de Sinais: da iconografia de sinais a um manuário acadêmico. XI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Atas... Fontes, métodos e técnicas de investigação. Porto: CITEM, p. 228-243, 2016. Disponível em: <<http://web3.letras.up.pt/columbe/actas/eixo1.pdf>>.

²⁰ Referimo-nos a entrevistas concedidas a jornais e revistas de circulação local e nacional, artigos publicados em revistas especializadas nacionais e internacionais, palestras proferidas em simpósios, seminários e congressos nacionais e internacionais em diversas universidades, participações em eventos municipais e estaduais de assessoria técnica e a realização e exibição dos Programas Manuário na TV INES.

FAVORITO, W.; MANDELBLATT, J.; FELIPE, T. A.; BAALBAKI, A. Processo de expansão lexical da Libras: estudos preliminares sobre a criação terminológica em um curso de Pedagogia. In: *LSI: Lengua de Señas e Interpretación*, Montevideu, n. 3, p. 89-102,, 2012.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto. In: *Educar em Revista*, Curitiba, Editora UFPR, n. 2., 2014.

HUMBLÉ, P. R. M.. Um começo de conversa. In: XATARA C.; BEVILACQUA, C. R.; Humblé, P. R. M. (Orgs.) *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*, São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

KRIEGER, M. G. Do ensino da Terminologia para tradutores: diretrizes básicas. In: *Cadernos de Tradução*, UFSC: Florianópolis, v. 1, n. 17, p. 189-206., 2006.

_____. Terminologia: uma entrevista com Maria da Graça Krieger. In: *Revel*, v. 9, n. 17, p. 443 – 452, 2011.

ROCHA, S. M. *O INES e a educação de surdos no Brasil*. V. 1. Rio de Janeiro: INES, 2007.

SANTOS, H. R. O estudo da Terminologia em Libras com o apoio de *Corpora*. In: *Revista Diálogos (RevDia)*, Dossiê temático "Educação, Inclusão e Libras, v. 6, n. 1, jan-abr 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/5835>>.

SOFIATO, C. G.; REILY, L. H. Dicionarização da Língua Brasileira de Sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n. 40 (1), p.109-126, 2014.

TUXI, P. Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. In: *Cadernos de Tradução*, UFSC: Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 557-588, jul-dez 2015.